

Sinopse das entrevistas realizadas aos agentes sociais ligados à velhice (Dirigentes, técnicos e auxiliares de acção directa)

Dimensão 1 – Experiência e trabalho no lar

Problemáticas	Entrevistado A3	Análise
Tempo de experiência	«Faz em Maio 9 anos.» (P. 1)	<ul style="list-style-type: none"> ○ 9 anos
Funções	<p>«Eu sou assistente social mas neste momento a minha função é Directora Técnica.» (P. 1)</p> <p>«Tudo! [Risos] Eu faço a gestão dos recursos humanos há muitos anos. [...] Agora tudo o resto eu já fazia há muitos anos que sou coordenadora do serviço de apoio domiciliário, há uma data de anos que eu sou responsável pelos estágios profissionais, responsável pelos programas ocupacionais. Os chefes de serviço, se têm algum problema, é para mim que vêm. Não há nada que deixe de passar por aqui.» (P. 1)</p>	<ul style="list-style-type: none"> ○ Directora Técnica. ○ Gestão dos recursos humanos; ○ Coordenadora do serviço de apoio domiciliário; ○ Responsável pelos estágios profissionais; ○ Soluciona os problemas que possam existir a nível da instituição.
Dificuldades	«Falta de tempo para eles. Porque eu não faço mais nada sem estar sempre metida em papéis. Não sobra tempo para eles [...]» (P. 1)	<ul style="list-style-type: none"> ○ Falta de tempo para dedicar aos idosos.
Representações sociais anteriores da velhice	<p>«[...] Pela positiva... a riqueza dos conhecimentos deles, do muito que podemos aprender com eles. Eu gosto de me sentar a conversar com eles.» (P. 1-2)</p> <p>«A morte. As escarras, o cheiro horroroso, as feridas até aos ossos... hummm... a decomposição humana em vida. Há pessoas em decomposição vivas. Acho que isso</p>	<p>Pontos positivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ O conhecimento dos idosos. <p>Pontos negativos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ A morte;

	ainda é pior do que a morte. A morte faz parte do nosso dia-a-dia e nessas situações a morte é um alívio. É um alívio para a pessoa e um alívio para nós porque toda a gente que está à volta está a sofrer. » (P. 2)	<ul style="list-style-type: none"> ○ As feridas até aos ossos, as escarras, o cheiro horrroso, ou seja, a decomposição humana em vida.
Competências	«Uma paciência infinita. Uma boa dose de bom humor, para se conseguir levar isto. Porque se as pessoas trabalham diariamente com muita morte, muito sofrimento, com doentes mentais também, com pessoas que descompensam com a medicação ou falta dela e com pessoas que se passam e que pura e simplesmente se lembram de nos agredir, de nos chamar de todos os nomes e mais alguns.» (P. 2)	<ul style="list-style-type: none"> ○ Paciência; ○ Humor.
Dimensão 2 – Representações sociais da velhice		
Problemáticas	Entrevistado A3	Análise
Definição	<p>«Conhecimento. Um enorme conhecimento da vida.»</p> <p>«Quando a pessoa quiser. Porque idoso não é o que está na cadeira de rodas ou na cama acamado.»</p> <p>«São físicas... são sobretudo físicas. [...] O envelhecimento é físico e se a pessoa se deixa ir, o resto vai também. Começa pelo físico e depois a pessoa ou se deixa levar ou não se deixa levar. As pessoas com mais habilitações, que mantenham outro tipo de ocupações, que não é só a televisão... que se mantêm a ler, a informar-se... essas pessoas envelhecem muito menos. O corpo está velho mas o resto não está.» (P. 3)</p>	<p>A velhice é:</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Conhecimento. ○ Ser velho depende de cada um. ○ As mudanças acontecem principalmente a nível físico; ○ Tem uma componente psicológica, a pessoa pode deixar-se ir a baixo ou não.

Caracterização

«Devia trazer um estatuto social, que [os idosos] não têm. Porque neste país e não só, pelos vistos não só, passam a vida a dizer “de velhinho se torna a menino”. Ou seja, retira-se autonomia à pessoa, retira-se o direito a ser pessoa, passam a ter que obedecer a ordens, voltaram à creche, isto não é assim. [...] Têm muito conhecimento, só que não lhes é reconhecido.» (P. 3)

«Não serem reconhecidos e a infantilização deles. Eles não são crianças, mas toda a gente os infantiliza «Oh coitadinho do velhinho!». O velhinho é gente, daqui a trinta anos também lá estou.» (P. 3)

«Constituem, porque vivemos num mundo a correr. Não temos tempo nem para nós, nem para os filhos, quanto mais para os pais, muito menos para os tios, para os avós, para os primos ou para os tios afastados, não temos. E como não temos, eles constituem um problema. E porque é que constituem um problema, porque se tornam um peso. Porque é preciso cuidar. [...] Falta suporte na sociedade para os manter em casa. Faltam leis que nos permitam dar assistência à família e quando se fala de família é os filhos também, mas também aos pais, aos avós, aos tios... os tios não são reconhecidos, nem no funeral, se me morrer o tio, eu não tenho direito aos dias. É menos que os outros? Quantas vezes são os sobrinhos que estão a cuidar? A madrinha ou o padrinho? Que muitas vezes não é de sangue, mas é no fundo como se fosse um familiar. Tornaram-se um peso porque a sociedade deixou que isso acontecesse. Se formos a ver, somos um peso uns para os outros.» (P. 3-4)

«É vista como algo negativo, como é óbvio.» (P. 4)

Vantagens:

- Conhecimento;
- Deveriam ter mais estatuto social, mas não têm.

Desvantagens:

- Infantilização da velhice;
- Não serem reconhecidos, ou seja, serem desvalorizados.

- Constituem um problema devido às configurações da sociedade;
- Assim sendo, são um peso porque eles precisam de cuidados;
- Falta apoios para poder manter em casa os idosos;
- Os tios não são reconhecidos devidamente enquanto familiar próximo.

- A velhice é vista como algo negativo.

<p>Necessidades</p>	<p>«Têm necessidades de apoio físico. Nesse aspecto são meninos, realmente em termos dos cuidados são. No resto, não eles têm que ter atenção como todos nós precisamos.» (P. 4)</p>	<ul style="list-style-type: none"> ○ Apoio físico, e neste aspecto são como crianças.
<p>Participação</p>	<p>«[...] O idoso que anda por seu pé e é perfeitamente autónomo, são aos milhares. Então não pode contribuir com tanta coisa? Os avós não são tão importantes? Não são eles que nos ficam com os filhos? Eles têm um contributo muito grande a dar... Olhe! Mais aquele conhecimento acumulado. Mas desvalorizou-se, eles estão a perder... eles perderam valor perante a sociedade.» (P. 4)</p> <p>«Se os deixarem, eles participam em muita coisa. Até nas coisas mais pequeninas. Ainda há bocado uma idosa me dizia: «vou me deitar e eu não quero ir para a cama?!». Mas então a mulher não tem direito a escolher? [...] Porque é que as pessoas não hão de ter o direito de escolher? [...] Quem é que fica com os netos?» (P. 4-5)</p>	<ul style="list-style-type: none"> ○ Os idosos podem contribuir em muita coisa; ○ A nível familiar: cuidar dos netos; ○ Têm direito a escolher; ○ Consciência de que a maior parte dos idosos é autónoma.
<p>Qualidade de vida</p>	<p>«Há muito a fazer em termos dos cuidados físicos e paliativos. Há poucas unidades de cuidados continuados. Isto a nível do sofrimento, das feridas, da doença. [...] Há uma necessidade de centros de convívio de bairro, que os faça sair de casa, porque há muita gente que está autónoma e que está dentro de casa todo o dia a ver televisão sozinha numa solidão imensa. [...] Há regras a mais, horários a mais, há coisas a mais a cumprir... lá está, porque se infantiliza as pessoas, não se dá opção. [...] Não há... também não há técnicos, há poucos técnicos. Não há técnicos, não há animadores, ou quando há, há poucos. [...] eles trazem muito pouca formação na parte da geriatria, o que fazer com um idoso. Quer dizer, um idoso obviamente não adere com a mesma facilidade que um jovem a desportos radicais, nem à piscina,</p>	<ul style="list-style-type: none"> ○ Melhorar os cuidados paliativos, ○ Melhores e mais adequados centros de convívio para o combate da solidão; ○ Poucos técnicos a trabalhar nas instituições; ○ Falta de formação direccionada para a velhice; ○ Estereótipos negativos por parte das pessoas que trabalham com idosos.

	nem à ginástica, mas adere a outras coisas, não adere a grandes caminhadas, mas adere a outras coisas. [...] as pessoas não estão formadas, mas nós também, no Serviço Social também, vocês na Sociologia, na Psicologia, há pouco direccionado para os idosos. Nós não sabemos o que fazer com eles, como estimulá-los para. Porque se trazem ainda, porque mesmo nas escolas nós temos muito as ideias preconcebidas do idoso coitadinho bonitinho té té té té! [...]» (P. 5-6)	
Dependência	«Ah! A dependência é física, acima de tudo. Porque nós temos os doentes com Alzheimer, andam pelo pé deles, correm a casa toda mas não sabem onde estão. Ou seja, para além da [dependência] física, há [dependência] mas é neurológica.» (P. 6)	<ul style="list-style-type: none"> ○ A dependência é física principalmente; ○ Pode ser mental também.

Dimensão 3 – Caracterização e representações sociais dos utentes

Problemáticas	Entrevistado A3	Análise
Definição	<p>«Isto é o manicómio! [Risos] É o que dizem os enfermeiros! [...] Quando me lembro dos idosos da casa, o que me lembro é sempre disso. Não são todos assim, obviamente!» (P. 6)</p> <p>«Eu rio-me tanto com eles [risos]. Hummm... eles são animados quando querem. E então o grupo da Graça é extremamente animado. [...] Há alguns que não, que não fazem mais nada senão falarem das doenças [...] Às vezes eles estão mais em baixo porque a família não apareceu ou porque passou uma época festiva e não os viram e isso é doloroso. Ou mesmo o tempo, este tempo [chuva e frio] é horrível para eles. Para depressões isto é óptimo. [...]» (P. 6-7)</p>	<p>Os idosos do Lar:</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Fazem-lhe lembrar o manicómio; ○ Alguns são animados; ○ Sofrem mais quando o tempo não está bom.

<p>Necessidades</p>	<p>«Além da necessidade de cuidados básicos e saúde, isso é geral. Necessitam de ocupação! Só que é muito difícil dar-lhes ocupação. Porque a maior parte não sabe ler nem escrever, tem habilitações muito baixinhas ou nenhuma e mesmo os que sabiam ler e escrever não estão para isso, não estão para se chatear, porque perderam a prática, não praticaram... ao longo dos anos. [...]» (P. 7)</p>	<ul style="list-style-type: none"> ○ Cuidados básicos; ○ Cuidados de saúde; ○ Ocupação.
<p>Actividades</p>	<p>«[...] Ela faz teatro, ela faz ginástica, ela leva-os a passear, ela leva-os às terras de origem no verão... hummm... todos os meses há festas de aniversário deles [...] Eles têm missa, uma coisa que é importantíssima para eles, a vertente religiosa. Têm as missas de aniversários e depois têm missas semanais. E têm o Padre que vem cá e têm as rezas ao fim da tarde, todos rezam o Terço. [...] Sozinha, ela não consegue fazer mais. Ela precisava de mais gente a trabalhar com ela. Mas não lhe dão!» (P. 7)</p>	<ul style="list-style-type: none"> ○ Teatro; ○ Ginástica; ○ Passeios; ○ Missa; ○ Rezar o Terço; ○ A entrevistada denota uma certa distância em relação aos dirigentes do Lar, realçando a falta de apoios que eles dão para a animação.
<p>Relação com o idoso</p>	<p>«Com alguns é conflituosa, porque isto quando há problemas chamam-me a mim. Com outros é... há alguns que têm uma dependência enorme em relação a mim. A mim, à minha outra colega assistente social e à psicóloga. Porque não têm família ou porque a família pouquíssimas ou nenhuma vezes aparece, são portanto pessoas que já estão há muitos anos na casa. [...] Nós somos muito a família deles. Mesmo os que têm família e há pessoas aqui com família a vir aqui praticamente diariamente. Mas, estão muito agarrados a nós. E às funcionárias também, só que a ligação é diferente, porque as funcionárias tratam deles. Tratam deles fisicamente. E isso gera muitas vezes mais conflitos, porque elas têm que fazer as coisas a despachar, têm que cumprir horários. Há da parte delas uma certa</p>	<ul style="list-style-type: none"> ○ Depende dos idosos, são todos diferentes; ○ Relação conflituosa com alguns; ○ Relação de dependência afectiva com outros; ○ A relação deles com as funcionárias é mais distante porque são elas que cuidam fisicamente deles; ○ As funcionárias fazem o “serviço” a despachar porque não têm tempo.

	rispidez porque têm que despachar e há da parte deles, uma falta de compreensão em relação a isso, não de todos, alguns percebem [...]» (P. 7-8)	
Problemas	«Falta de espaço próprio... falta de privacidade e do seu próprio espaço. Não há nada melhor do que os quartos individuais... e nós não os temos.» (P. 8)	<ul style="list-style-type: none"> ○ Falta de espaço próprio; ○ Falta de privacidade; ○ Não têm quartos individuais no Lar.
Dimensão 4 – O papel da família		
Problemáticas	Entrevistado A3	Análise
Função	«Importantíssimo! São o suporte emocional deles. São os cuidadores... mais as mulheres, para variar, mas são eles os cuidadores em primeiro lugar são sempre eles. São sempre eles que pedem ajuda, normalmente é muito raro ser o próprio idoso. [...] são eles o suporte emocional.» (P. 8)	<ul style="list-style-type: none"> ○ Papel importante; ○ São os cuidadores; ○ São um suporte emocional do idoso.
Relação com o idoso	«Temos alguns que é diário, temos alguns que é semanal, temos alguns que é intermitente durante a semana e temos os mais antigos que são os mais difíceis de fazer as famílias vir cá, porque as mentalidades eram outras. A casa tem 109 anos de existência e temos idosos aqui há 30 e 40 anos. Portanto entraram num tempo diferente, onde a política dos técnicos, quando os havia, era diferente. A política de proximidade com a família é muito recente. [...] A família era um inimigo da instituição. Hoje a gente tenta trabalhar com eles, não é fácil, porque muitas vezes temos que lidar com os conflitos dentro das próprias famílias e isso dificulta-nos muito a vida. A relação entre eles, porque há conflitos anteriores com os pais, às vezes há historial de alcoolismo, de violência de maus tratos e outras coisas por	<ul style="list-style-type: none"> ○ Visitas diárias, semanais ou às vezes nulas; ○ A política proximidade com a família é recente, ○ Antes, a família era vista como um inimigo; ○ Conflitos familiares são um obstáculo ao trabalho da instituição, no entanto, os filhos não abandonam os pais sem razão;

	<p>traz... Os filhos não abandonam os pais sem mais nem menos! Geralmente há qualquer coisa por traz. Ou há guerras de família ou há migrações ou há conflitos, conflitos que muitas vezes têm a ver com maridos, com mulheres, portanto os companheiros. Os próprios companheiros que não querem os sogros... mas há também muitas vezes histórias do passado, hummm... [...] Tomara eu que as famílias se tornem mais aliadas das instituições, têm que o ser. Porque nós não somos a família do idoso, a família dos idosos são as famílias. Nós precisamos trabalhar com elas, para bem deles, temos cá é para isso.» (P. 8-9)</p>	<ul style="list-style-type: none"> ○ Necessidade em trabalhar com as famílias e fazer delas, um aliado das instituições.
<p>Participação nas actividades</p>	<p>«Não há essa prática. Por mim há uma certa abertura para isso, não total porque neste momento enquanto não se fizerem as obras, nós também não temos grandes condições para os recebermos aqui em termos do espaço físico. [...] Onde é que ponho as famílias no meio daquilo? Dava um jeito às funcionárias se cá estivessem os familiares a ajudar a dar a comida... e há familiares que queriam fazer isso, mas nós não podemos. As minhas reservas são sobretudo a esse nível. Depois há que reeducar as funcionárias em relação às famílias antes de cá meter as famílias... porque senão isto ia dar muitos conflitos.» (P. 10)</p>	<ul style="list-style-type: none"> ○ Não podem participar; ○ Falta de espaço; ○ Necessidade de preparar as funcionárias para a presença da família.